



## VLADO (NO) PRESENTE: memória, acontecimento e atualizações narrativas sobre Vladimir Herzog nas redes sociais

*Nota do Autor*<sup>58</sup>

**Marcella Maria Monteiro VIEIRA**<sup>59</sup>

**RESUMO:** O artigo investiga como postagens do Instituto Vladimir Herzog (IVH) em suas páginas no Facebook, Instagram e Twitter organizam estratégias de memória e narrativas sobre o personagem emblemático que foi Vlado. Com destaque para a *hashtag* #vlado40anos, lançada pelo Instituto em 2015, analisamos a permanência de Herzog nas redes, articulando informações de passado, presente e futuro. Avaliamos, assim, como o IVH faz circular as efemérides ligadas ao acontecimento da morte de Vlado, gerando desdobramentos que fazem com que o jornalista – morto há mais de 40 anos – seja, em fluxo constante, recuperado e *re-narrativado*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória. Acontecimento. Redes Sociais. Vladimir Herzog.

**ABSTRACT:** The article investigates as posts of the Vladimir Herzog Institute (IVH) in its pages on Facebook, Instagram and Twitter organize memory strategies and narratives about the emblematic character that was Vlado. With emphasis on the hashtag # vlado40anos, launched by the Institute in 2015, we analyze the permanence of Herzog in networks, articulating past, present and future information. Thus, we evaluate how the IVH circulates the ephemeris linked to the event of Vlado's death, generating unfoldings that make the journalist - who died more than 40 years ago - in constant flux, recovered and *re-narrativized*.

**KEYWORDS:** Memory. Event. Social Networks. Vladimir Herzog.

### 1. Introdução

<sup>58</sup> Versões deste trabalho foram apresentadas no GP Comunicação e Cultura Digital do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom Nacional) e no GT Comunicação, Narratividade e Discursos Midiáticos do XIV Póscom PUC-Rio, ambos em 2017. Novos dados, considerações e ajustes foram inseridos com o desenvolvimento da pesquisa, cuja dissertação foi defendida em agosto de 2018.

<sup>59</sup> Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Candido Mendes (Ucam). Graduada em Jornalismo (Ucam) e Relações Públicas (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). E-mail: [marcella.vieira@gmail.com](mailto:marcella.vieira@gmail.com).

O aniversário de 40 anos da morte do jornalista Vladimir Herzog, em 25 de outubro de 2015, representou importante marco memorável relacionado à ditadura civil-militar no Brasil, cujos rumos foram alterados devido à dimensão política do assassinato do jornalista. Cerca de um ano e meio antes, em 2014, os 50 anos do golpe que instaurou o regime foram intensamente lembrados em diferentes meios de comunicação. Se a morte de Vlado pelas forças de repressão acelerou o caminho para a abertura política no Brasil, é necessário investigar como tem se configurado, ao longo dessas mais de quatro décadas, os trabalhos de memória (HALBWACHS, 1990) e estratégias memoráveis (BARBOSA, 2007) sobre sua trajetória e sua morte.

O caso Herzog colocou novos tons nas já complexas relações entre militares, jornalistas e veículos de imprensa no Brasil – marcadas por alinhamentos, aproximações, distâncias e tensões negociadas, no caso de meios hegemônicos, e por maior repressão, em casos de veículos alternativos ou clandestinos. Dessa forma, a dimensão de sua morte é um dos tantos fatores que reforça a importância de estudos sobre uma cultura da memória, alinhada aos desdobramentos do acontecimento e suas comemorações e à existência de “jogos construtores da memória” (BARBOSA, 2014, p. 16).

Em cerca de duas décadas que se seguiram após a morte de Herzog, as novas luzes jogadas sobre o caso – fossem por meios de investigações oficiais de Estado ou por meio de outros organismos da sociedade civil – eram narradas, primordialmente, nos veículos de comunicação tidos como tradicionais (impressos, rádios ou TVs). Nos últimos anos, novos trabalhos de memória sobre Herzog foram ampliados devido aos espaços de comunicação digital, dos quais destacamos, particularmente, os sites de redes sociais. Utilizamos aqui a definição de Recuero (2009, p. 24), que caracteriza a rede social como um conjunto de atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais), sendo, assim, “uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”. Já os sites de redes sociais são “espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet” (RECUERO, 2009, p. 102).

A investigação que fazemos aqui está, portanto, centrada nesses espaços que entraram em cena para reafirmar a permanência da simbólica figura de Herzog: Facebook, Instagram e Twitter. Num primeiro momento, nos interessam especialmente os usos da *hashtag* #vlado40anos, intensamente compartilhada em 2015 pelo Instituto Vladimir Herzog (IVH), órgão fundado em 2009 por familiares, amigos e antigos colegas do jornalista. Com sede em

São Paulo, o Instituto define como sendo sua missão “trabalhar com a sociedade pelos valores da democracia, direitos humanos e liberdade de expressão”<sup>60</sup>. Chamaremos, a partir daqui, o Instituto Vladimir Herzog primordialmente pela sigla indicada: IVH.

Já a chamada *hashtag*, presente nos sites de redes sociais, é uma ferramenta usada no ambiente virtual como "indicador de assunto, normalmente representado pelo sinal '#'" (RECUERO, 2009: 127). Ela identifica palavras-chave e tópicos em determinada publicação, “agregando todos os relatos sobre determinados assuntos, gerando memórias dos fatos cotidianos com a possibilidade das enquetes dos assuntos do momento [...]” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 196-197).

Nesse contexto, os três sites de redes sociais conservam a “presença” de Herzog, levando-o a uma espécie de imortalidade a partir de constantes atualizações narrativas. A escolha dos três sites se dá por razões de: popularidade e participação ativa do IVH neles. O Instituto possui páginas oficiais nos sites<sup>61</sup> com constantes postagens e compartilhamentos de informações. São páginas gerenciadas e administradas pela própria equipe de comunicação – que conta, em 2018, com um diretor da área e três jornalistas nomeados profissionalmente de “assistentes de comunicação” – do Instituto. É nelas, portanto, que o IVH parece tocar, de forma mais organizada, seus trabalhos de memória e atualização de Vladimir Herzog, assim como em seu próprio site (cujo endereço é <http://vladimirherzog.org>) e em suas inserções em veículos de imprensa tradicionais e em suas várias outras frentes de ação<sup>62</sup>.

Notamos que, no Facebook, o IVH produz postagens – quase sempre com conteúdos próprios e, eventualmente, com compartilhamentos de notícias de outros sites – com maior intensidade. No Instagram e no Twitter, ainda que com espaçamentos maiores entre uma e outra postagem, também há uma série de informações sobre Vlado e as ações do órgão. Percebemos que, em geral, o IVH aproveita datas comemorativas ligadas a Herzog e ao próprio Instituto (em 27 de junho, por exemplo, são celebrados os aniversários de nascimento do jornalista e de fundação do órgão), mas também relacionadas a questões de Direitos Humanos (Dia Internacional da Mulher, em 8 de março, e Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial, em 21 de março, ilustram bem isso) para postar seus

<sup>60</sup> Disponível em <<http://vladimirherzog.org/o-instituto>>. Acesso em: 19 de setembro de 2017.

<sup>61</sup> Os endereços oficiais do Instituto nesses sites são: <http://www.facebook.com/institutovladimirherzog>; <http://www.instagram.com/vladimirherzog> e <http://twitter.com/vladimirherzog>.

<sup>62</sup> O IVH mantém também algumas ramificações intituladas “unidades de ação”, além de projetos especiais. Vlado Educação, Vlado Editora, Vlado Prêmios, Usina de Valores são algumas dessas frentes, cujas linhas de atuação não serão aprofundadas neste artigo.

conteúdos e, eventualmente, fazer links com seu site ou com notícias correlatas. Dessa forma, para além das efemérides e celebrações, o que o Instituto parece querer também – via familiares e amigos de Herzog – é se fincar, de forma institucionalizada, como um importante agente dos debates sobre direitos civis no país. Afinal, “o trabalho de transformar sentimentos pessoais em significados coletivos é um processo sempre aberto e ativo” (DIAS; ROXO, 2016, p. 424). Essa tarefa parece ainda mais desafiadora ao chegarmos em 2018 vivenciando um momento politicamente tão conturbado do país, marcado pelo forte avanço de posições conservadoras herdadas da ditadura civil-militar.

Assim, a partir de estudos sobre trabalhos de memória, importantes na abordagem de narrativas midiáticas – e suas atualizações – sobre um episódio historicamente marcante, é relevante verificarmos, portanto, a função política dessas determinadas ambiências digitais como marcos comemorativos de uma história. Podemos pensar que um dos papéis ocupados por esses espaços digitais segue uma lógica dentro do que Colombo (1991, p. 19) classifica de “corrente mnemotécnica no Ocidente”. Nessa direção, pretendemos analisar os contextos e razões para as atuações do IVH nessas redes, especialmente ao seguir lógicas comemorativas, como datas de aniversário de morte ou de nascimento – e é aí que, mais uma vez, a *hashtag* #vlado40anos assume função de destaque.

## **2. Passado, presente e futuro nas redes sociais**

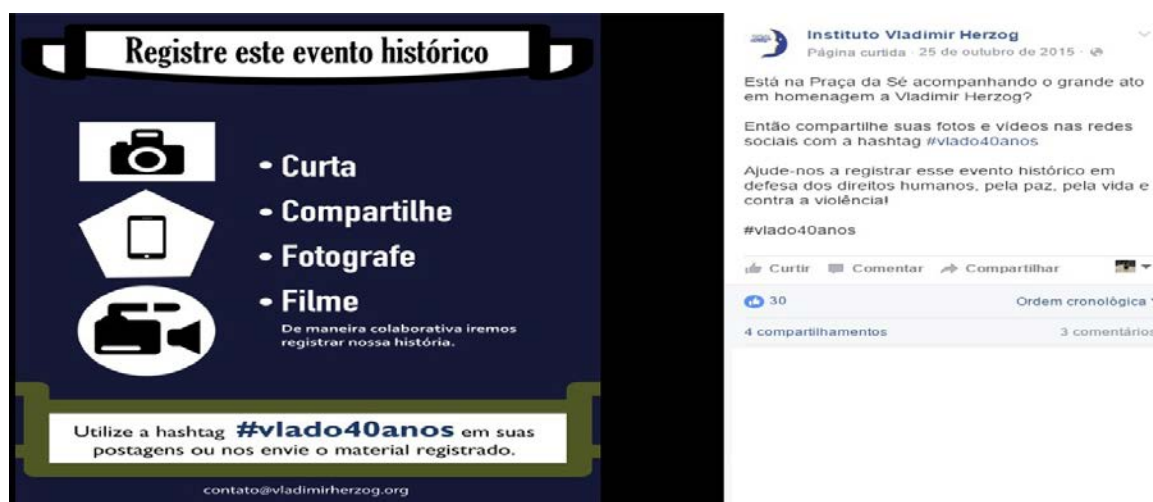
Uma pesquisa sobre a permanência de Herzog pode representar, portanto, uma reflexão acerca da complexidade das relações entre espaços midiáticos, acontecimento, memória, narrativa, poder e diversos atores sociais. Durante o período militar, no que tange às relações entre jornalismo, imprensa, censura e órgãos de repressão, ilustradas pelo caso Herzog, os meios de comunicação assumiram, como de praxe (e num forte contexto de censura e repressão), a função de privilegiar determinadas informações, selecionando, por tabela, muito do que seria esquecido, silenciado e até apagado. Seus profissionais, os jornalistas, estariam “construindo documentos de memória da atuação do grupo” (BARBOSA, 2014, p. 10).

É importante pontuarmos que, antes da fundação do IVH e de sua participação ativa em sites de redes sociais, os valores de "acontecimento impacto", "acontecimento fundador" e "acontecimento midiático que se transforma em acontecimento para a história" vinculados à morte de Herzog, no entendimento de Berger (2006, p. 6), já possibilitavam essa permanência de Vlado, ainda que os espaços midiáticos fossem outros. Tanto que, se propusermos uma breve atualização de artigo publicado pela autora em 2006 (31 anos, portanto, após o assassinato do jornalista) que afirmava, logo em seu título, que "30 anos se passaram e Vlado

segue morrendo", podemos dizer que, mais de 40 anos depois, Vlado continua morrendo. Mas, agora, as redes sociais sediam e participam das atualizações narrativas de sua morte. É a fluidez desses meios digitais que auxilia na construção desse novo espaço de permanência e presença de uma figura já morta (RIBEIRO, 2015).

Uma ilustração disso é que, em 2015, o IVH compartilhou, com o uso da *hashtag* #vlado40anos, uma série de imagens, vídeos e canções de ato celebrado em homenagem ao jornalista na Catedral da Sé, em São Paulo, remetendo instantaneamente ao mesmo tipo de cerimônia celebrada há 40 anos, no mesmo local, dias após a morte de Vlado, em evento que foi um divisor de águas no combate ao regime militar. No Facebook, o IVH reforçou o ato solicitando que as “testemunhas” não apenas presenciassem, mas também registrassem o ato ecumênico – registros esses que passam hoje por uma intensa lógica de compartilhamento nas redes, como mostra a imagem abaixo:

Figura 1: Postagem do IVH no Facebook, em outubro de 2015, solicitando aos usuários o compartilhamento de registros da homenagem a Herzog por meio da hashtag #vlado40anos.



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/institutovladimirherzog/photos/a.288657247866210.65755.226894137375855/944217168976878/?type=3&theater>. Acesso em: 7 de agosto de 2016.

Mais um exemplo é que, meses antes do marco de 40 anos da morte do jornalista, o Instituto iniciou uma intitulada “linha do tempo” no Instagram, com postagens que continham fotos (em ambientes familiar ou profissional) e informações sobre as trajetórias de vida e a carreira profissional de Herzog, como evidenciam as seguintes imagens:



Figura 2: Postagem do IVH no Instagram, em setembro de 2015, com informações sobre a vida familiar de Herzog.



Fonte: Instagram. Disponível em:

<<https://www.instagram.com/p/7NnPJFsoJY/?tagged=vlado40anos>>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

Figura 3: Postagem do IVH no Instagram, em outubro de 2015, com informações sobre o trabalho de Herzog à frente do jornalismo da TV Cultura de São Paulo.



Fonte: Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/9Y2O47MoMk>>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

Já no Twitter, a figura a seguir conecta as referências ao presente – também com chamada para que vídeos e fotos do ato ecumênico da Catedral da Sé em 2015 sejam compartilhados com a utilização da *hashtag* #vlado40anos – e ao passado, quando rememoram o mesmo tipo de evento, realizado no mesmo lugar, 40 anos antes. Essa conexão é referendada por Barbosa (2007, p. 60), que afirma que “o momento memorial aparece como intensificação do presente”.

Assim, a função dessa evocação do passado nas comemorações não é redescobri-lo, mas construí-lo e, neste sentido, inventá-lo. O passado é convocado ao presente para

possibilitar a criação de novas sociabilidades, ao mesmo tempo que se distingue do presente intenso, pela nostalgia a ser preservada em lugares e momentos próprios: lugares da museificação e momentos da celebração (BARBOSA, 2007, p. 60).

**Figura 4: Postagens do IVH no Twitter, em outubro de 2015, sobre os atos ecumênicos em homenagem a Herzog na Catedral da Sé, em São Paulo.**



Fonte: Twitter. Disponível em:

<<https://twitter.com/VladimirHerzog/status/656161447886606337>>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

Babo-Lança (2012, p. 63) lembra Pierre Nora ao falar da “intensificação rápida dos usos do passado” e da “inflação das comemorações”, o que faz sentido na lógica desse tipo de postagem no Twitter, em que a rapidez (280 caracteres desde novembro de 2017; mas, à época dos *tweets* exibidos acima, máximo de 140 caracteres) e a instantaneidade podem encontrar um espaço de ampla divulgação, mesmo quando remetem a um acontecimento do passado. “Ora, esta inversão do histórico no comemorativo encontra na mídia (nas mídias) um lugar de eleição, de exposição, de espetacularização” (BABO-LANÇA, 2012, p. 64).

Esses e outros exemplos possibilitam, assim, lembranças que, ao serem reconstruídas em novos espaços midiáticos, causam o alargamento dos limites da mera memória oficial de uma época, chancelada, durante muitos anos, por determinados meios de comunicação alinhados a um regime autoritário. São as “memórias subterrâneas” que conseguem invadir o espaço público, como afirma Pollak (1989). Em consonância com esses argumentos, propomos uma reflexão sobre os trabalhos de memória (e sobre como eles passam a ser feitos

de forma mais sistematizada pelo IVH) ligados a Herzog – nos âmbitos coletivo, familiares e individuais – nesses espaços de comunicação digital.

São esses trabalhos que possibilitam que as narrativas sobre Herzog sejam continuamente atualizadas. Berger (2006, p. 2) afirmou, há mais de 10 anos, que “a narrativa da morte de Vlado é um exemplo de intertextualidade que dura exatos 31 anos e se encontra registrada em fotografias, textos jornalísticos, literários, históricos e testemunhais, documentários e programas de tevê”. Essa intertextualidade se mantém e conta, ao contrário de mais de uma década atrás, com a força das redes sociais – mediante um trabalho institucionalizado e chancelado por uma organização de memória – para o projeto de permanência de Vladimir Herzog.

No percurso aqui descrito brevemente, além dos já citados Barbosa (2014), Colombo (1991), Halbwachs (1990) e Pollak (1989), trabalhamos também com a noção de que vivemos tempos de intensa “cultura de memória” (HUYSSSEN, 2004) e “febre mnemônica” (HUYSSSEN, 2000), nos quais as ligações entre acontecimentos, marcos comemorativos e midiaticização desempenham papel crucial para o alargamento das conexões entre passado, presente e futuro. Antes, Nora (1993) já alertava para tempos de “produtivismo arquivístico”.

Lembremos, portanto, que tais estratégias memoráveis seriam operadas nos meios digitais por um órgão (IVH) que assume caráter institucionalizado para discorrer sobre Herzog, constituindo “práticas de memória” (HUYSSSEN, 2000) de cunho político cuja temporalidade permite que passado, presente e futuro se confundam. Como uma instituição que busca se posicionar como guardiã da memória de Herzog, é isso que o IVH faz: organiza e seleciona memórias, produzindo estratégias de comunicação que desempenham um papel crucial na conservação de um personagem simbólico.

### **3. A morte de Vlado: acontecimento fundador e noticiado**

Foi no dia 25 de outubro de 1975 que se deu o acontecimento. Um dos mais emblemáticos do período da ditadura civil-militar que deu as cartas no Brasil de 1964 a 1985: a morte do jornalista Vladimir Herzog. O acontecimento em si ocorreu nas sombras: nos porões do DOI-Codi de São Paulo, com sessões de torturas comandadas por agentes do aparato de repressão do Estado. Já as consequências foram bem visíveis; mudando os rumos de um regime brutal, provocando comoções e rupturas na opinião pública, dando (alguma) visibilidade a demais casos de prisões, torturas e assassinatos, unindo movimentos diversos em prol de um objetivo: o fim da ditadura civil-militar, o que só ocorreria de fato uma década depois.



A morte de Herzog, acontecimento fundador, se desdobrou em muitos outros. A missa ecumênica em homenagem a ele na Catedral da Sé, em São Paulo, em 31 de outubro do mesmo ano foi um deles. Quase 35 anos mais tarde, em 2009, a fundação de um Instituto que leva o nome do jornalista foi outro, bem como a realização de um novo ato ecumênico 40 anos mais tarde, em 2015, para comemorar o aniversário de morte de Herzog.

A primeira camada do acontecimento veio através dos comunicados, das notas, do culto ecumênico de sétimo dia que lotou a Cúria Metropolitana e a Praça da Sé, das notícias nos jornais. É informação silenciada, censurada, dita sem dizer, falada através do corpo e do olhar. É a expressão na prática de como os regimes autoritários precisam de uma linguagem compatível na intenção de reduzir tudo a uma única voz. Mas é, também, um exemplo das formas de resistência que cada período sem liberdade encontra para se expressar. Depois, o acontecimento volta como memória (BERGER, 2006, p. 7).

São exemplos que, além de produzirem uma permanente atualização de narrativas, dão pistas de como o acontecimento do passado opera, com suas idiossincrasias, rupturas, diferenças e indagações, com vistas para o futuro, tendo como pano de fundo a atuação do IVH em espaços de comunicação digital, mais especialmente os sites de redes sociais.

Todos os esforços de memória produzidos pelo Instituto mostram que, para além de uma memória coletiva (HALBWACHS, 1990), as memórias familiares e individuais – muito presentes na lógica da fundação e da manutenção de um órgão como o IVH – entram em cena e disputam território nessa permanente reconstrução de lembranças.

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade [...] (POLLAK, 1989, p. 5).

É possível enxergarmos aqui como os discursos de memória ocupam, portanto, papel importante nas abordagens – das mais antigas às atuais – em torno da figura de Herzog, levando-nos a observar que algumas das ambiências digitais mais recentes passam a ter maior espaço nesse trabalho de reconstrução, ocupando lugares antes exclusivamente reivindicados por meios de comunicação tradicionais. Para Huyssen (2000, p. 36), em contextos políticos de maior ou menor agitação, “a sociedade precisa de ancoragem temporal, numa época em que, [...], a relação entre passado, presente e futuro está sendo transformada para além do reconhecimento”. No caso de Herzog, essa necessidade de ancoragem pode ser percebida em espaços de produção de memória tão diversos como o próprio IVH – e suas ações midiáticas – ou nos relatos que dão conta da relação entre censura e integrantes dos meios de comunicação da época.

Mais recentemente, atendendo ao que Huyssen (2000) chama de “febre mnemônica”, os espaços de comunicação digital, com sua fluidez e suas variadas formas de interação, parecem construir uma nova permanência de uma figura já morta. Ainda que as “memórias subterrâneas” mencionadas por Pollak tenham levado algum tempo para chegar à superfície, o acontecimento da morte de Vlado foi suficiente para causar mudanças que romperam, segundo Kucinski (1991, p. 12), “o precário equilíbrio nas relações de trabalho no conjunto da grande imprensa, ao mesmo tempo em que se esgotou o modo complacente pelo qual os jornais se relacionavam com o regime”.

Anos mais tarde, a abertura política permitiu o que Pollak (1989, p. 5) chamou de “redistribuição das cartas políticas e ideológicas”, desembocando na criação de coletivos que, no geral, passaram a se empenhar, de forma mais organizada, na reconstrução de memórias que foram, por muitos anos, confinadas à clandestinidade. Grupos como “Tortura Nunca Mais”<sup>63</sup>, “Brasil: Nunca Mais”<sup>64</sup> e comissões da verdade (em âmbitos nacional ou regional) formam esse cenário, no qual o IVH também está inserido e com o qual pode ser fortemente identificado.

Criado entre os aniversários de 30 e 40 anos da morte de Herzog, o IVH realiza, desde sua fundação, eventos, projetos e homenagens diversas a ele e a outros atores sociais ligados aos Direitos Humanos, além de lançamentos de livros e documentos. Mas foi em 2015, quando do aniversário de 40 anos da morte do jornalista, que o Instituto promoveu uma “comemoração”, aproveitando a efeméride, como é percebido na própria linha do tempo desenhada no site do IVH<sup>65</sup>. São esses “jogos memoráveis” que contribuem para “o acontecimento como algo que emerge na duração com a marca da anormalidade” (BARBOSA, 2016: 15).

---

<sup>63</sup> No Rio de Janeiro, o grupo foi fundado em 1985 para se dedicar ao combate à tortura e defender os direitos humanos e a memória política do Brasil. É formado por antigos presos políticos que foram torturados nos porões do regime militar e por familiares de mortos e desaparecidos políticos. Mais informações em: <<http://www.torturanuncamais-rj.org.br/quem-somos>>. Acesso em 25 de março de 2017.

<sup>64</sup> Iniciativa do Conselho Mundial de Igrejas e da Arquidiocese de São Paulo, que, sob a coordenação do reverendo Jaime Wright e de dom Paulo Evaristo Arns (então arcebispo de São Paulo), trabalhou durante cinco anos, no início da década de 1980, sobre milhares de páginas de processos do Superior Tribunal Militar. Os dois religiosos participaram ativamente, em 1975, da organização da missa ecumênica em homenagem a Vlado e se aproximaram da família Herzog. O resultado do projeto foi a publicação de um relatório e um livro, em 1985, que revelaram os abusos e violações aos direitos humanos promovidos pelo aparato de repressão política durante a ditadura. Mais informações em: <<http://bnmdigital.mpf.mp.br/pt-br/sobre.html>>. Acesso em: 25 de março de 2017.

<sup>65</sup> Disponível em <<http://vladimirherzog.org/nossa-historia>>. Acesso em 19 de setembro de 2017.

E é a formalização dessa mesma instituição que a coloca como uma guardiã das lembranças relacionadas a Herzog, fazendo com o que o ato inter-religioso que rememora a missa ecumênica celebrada 40 anos antes na mesma Catedral da Sé também possa assumir caráter institucionalizado. Sobre o acontecimento (a morte de Herzog), Dias (2015, p. 5) assinala que suas comemorações em períodos específicos sacralizam o evento:

Isso nos faz pensar como todo acontecimento pautado pelas mídias está condicionado, para sua reafirmação à cena pública, a agendamentos de lembranças e esquecimentos que respondem a políticas de memória bem específicas em seu presente.

Tais comemorações podem exemplificar os chamados acontecimentos “replicantes” descritos por Babo-Lança (apud FRANÇA, 2012, p. 19), aqueles que, “retomados em diferentes contextos, se transformam em outros, atuando em diferentes quadros de sentido”.

Para Dosse (2013, p. 270), esse acontecimento, mesmo quando individualizado, passa “pela busca do vínculo que ele mantém com uma estrutura problemática mais geral, uma ordem de maior grandeza”. É o que parece caracterizar as ações do IVH, que, por razões familiares, tenta criar uma camada de “proteção” à memória de Herzog, mas sem perder de vista a contextualização do fato não apenas diante de um regime de exceção, mas também frente aos alarmantes índices de violações aos Direitos Humanos que perduram no Brasil. Observamos, assim, que essa imbricação entre passado, presente e futuro parece dar pistas mais completas sobre a atuação do Instituto.

O acontecimento não é, por definição, redutível a sua efetuação à proporção em que ele está sempre aberto para um devir indefinido pelo qual seu sentido se metamorfoseará ao longo do tempo. Contrariamente ao que poderíamos pensar, o acontecimento nunca está realmente classificado nos arquivos do passado; ele pode voltar como espectro para assombrar a cena do presente e hipotecar o futuro, provocar angústia e temor ou esperança, no caso de um acontecimento feliz. Contra a falsa evidência que liga o acontecimento unicamente ao passado findo, “é preciso suspeitar a sua cronologia” (DOSSE, 2013, p. 265-266).

Mesmo numa definição simplista – especificamente em sua relação com a mídia – do acontecimento como um fato que merece ser noticiado, é possível captarmos algumas das nuances e contradições que atravessam o caso Herzog. A tortura e o assassinato de um jornalista que tinha importante cargo hierárquico – diretor de jornalismo da TV Cultura – quando da sua morte é, por obviedade, notícia. Quando os responsáveis pelo assassinato são agentes das forças de repressão de um governo central, ou seja, figuras institucionalizadas do poder público de um Estado, parece ainda mais plausível que isso deva ser um acontecimento

noticiável. Contraditoriamente, eram exatamente essas forças oficiais, integrantes de uma ditadura, que tentavam, ao máximo, impedir que acontecimentos similares fossem noticiados.

A morte de Herzog, porém, por ter envolvido fatores de hierarquização profissional e atores sociais de maior expressão, passou, ainda que a duras penas, por um processo de exposição que possibilitou a ampliação do acontecimento. Adentramos aí na lógica levantada por Nora (1979, p. 181) de que “acontecimentos capitais podem ter lugar sem que se fale deles. [...]. O fato de terem acontecido não os torna históricos. Para que haja acontecimento é necessário que seja conhecido”.

Sem querermos avançar aqui em reflexões sobre relações de poder e hierarquia, sobre corporativismos da imprensa ou sobre critérios de noticiabilidade (sempre sujeitos a contextos político-sociais de uma época), o acontecimento da morte de Herzog parecia representar, portanto, uma ruptura, na qual o jornalista, produtor de notícias, passou a ser, ele mesmo, a própria notícia, passando por “intensa mediatização do seu assassinato e da sua biografia” (DIAS; ROXO, 2016, p. 404). Ou, como afirma o jornalista Mário Magalhães, “de contador da história, Herzog passou a personagem histórico”<sup>66</sup>.

Nesse sentido, a morte de Vlado gerou uma semiose, uma intensa produção de significados, uma vez que foi, ao longo de todo o regime, uma das poucas capazes de jogar luz sobre outros acontecimentos semelhantes pelo fato de ter sido noticiado. “Imprensa, rádio, imagens não agem apenas como meios dos quais os acontecimentos seriam relativamente independentes, mas como a própria condição de sua existência” (NORA, 1979, p. 181).

Em um emaranhado de narrativas ao longo de mais de 40 anos, vimos o caso Herzog se atualizar e se ramificar em novos casos, gerando novas disputas políticas, invadindo diferentes arenas públicas e trazendo à tona uma série de novos elementos e atores, muitos dos quais não tiveram qualquer participação no caso que podemos chamar de original. Quando essas atualizações narrativas da figura de Herzog eram mais restritas – nas primeiras duas décadas após sua morte – aos veículos de imprensa tidos como tradicionais, isso passava por processos de organização e enquadramentos típicos do jornalismo. Processos esses que poderão ser encontrados em outras mídias e em ambiências digitais mais recentes, mas com lógicas diferentes e com outros tipos de códigos de seleção e contextualização.

---

<sup>66</sup> Disponível em <<https://theintercept.com/2018/07/18/stf-vladimir-herzog>>. Acesso em 19 de julho de 2018.

E se hoje temos, por exemplo, os sites de redes sociais como espaços consideráveis de trabalhos organizados de memória sobre Herzog, vale pensarmos como houve aí um processo de contínuas transformações midiáticas. Anteriormente, a construção do personagem emblemático que se tornou Herzog, a partir do acontecimento de sua morte, seguiu os ritos da chamada imprensa tradicional, sobretudo pela lógica dos veículos impressos. Nos últimos anos, porém, as chances de atualização narrativa de um caso ocorrido há mais de quatro décadas se ampliaram a partir das muitas possibilidades midiáticas em circulação. Entendemos, assim, que o IVH marca sua “presença” – ainda que não materializada fisicamente – nos sites de redes sociais, e se aproveita dessas novas cartas – e de uma ampla cultura de memória – para a manutenção do processo de constantes produções de memória sobre Herzog. Ou seja, para também marcar a “presença” de alguém já morto. Concordamos, portanto, com a afirmação de Dias e Roxo (2016, p. 417-418) de que o Instituto, a partir de uma lógica de “boom de memória”, emergiu como um “novo empreendedor engajado na manutenção e consolidação do legado de Herzog”.

#### **4. Reflexões sobre acontecimento e memória nas narrativas das redes sociais**

Essas atualizações narrativas sobre Herzog em espaços digitais não se descolam, portanto, das reflexões sobre os trabalhos de memória que propomos aqui. É nessa dinâmica que determinadas manifestações de interesse público (referentes aos direitos civis, à democracia, às políticas de reparação do Estado, entre outras) encabeçadas pelo IVH nos sites de redes sociais se inserem e, são, como diz Recuero (2014, p. 17-18), reconstruídas.

As características dos sites de rede social, nesse contexto, acabam gerando uma nova “forma” conversacional, mais pública, mais coletiva, que chamaremos de conversação em rede. As conversações que acontecem no Twitter, no Orkut, no Facebook e em outras ferramentas com características semelhantes são muito mais públicas, mais permanentes e rastreáveis do que outras. Essas características e sua apropriação são capazes de delinear redes, trazer informações sobre sentimentos coletivos, tendências, interesses e intenções de grandes grupos de pessoas. São essas conversas públicas e coletivas que hoje influenciam a cultura, constroem fenômenos e espalham informações e memes, debatem e organizam protestos, criticam e acompanham ações políticas e públicas. É nessa conversação em rede que nossa cultura está sendo interpretada e reconstruída.

Nesse universo, a *hashtag* #vlado40anos nas redes Facebook, Instagram e Twitter tem esferas de sentidos diversas atreladas a ela. Ao criar não apenas a *hashtag*, mas um evento que a sustenta e que rememora e reverbera um acontecimento ocorrido há quatro décadas, podemos colocar a nova “celebração” na categoria de um ciberacontecimento nos moldes propostos por Henn (2015, p. 218), unindo as noções de acontecimento e acontecimento



jornalístico. “O ciberacontecimento, ao mesmo tempo em que introduz formas distintas de constituição, também inscreve-se em novas arquiteturas narrativas potencializadas pelas redes digitais”.

Ao digitarmos “#vlado40anos” nos campos de busca desses sites, encontramos muitas páginas de órgãos e instituições (como o próprio IVH) e perfis – a maior parte de usuários que não são figuras públicas – que fizeram usos da *hashtag*. Em uma avaliação mais superficial, com ênfase nos primeiros resultados, é possível percebermos que o compartilhamento de “#vlado40anos” teve maior concentração nos meses de outubro e novembro de 2015, pela proximidade com o aniversário da morte de Herzog. Essa concentração foi ainda mais intensa nos dias próximos à realização do ato ecumênico na Catedral da Sé, em 25 de outubro de 2015.

É válido destacarmos aqui que, desde o início dessa trajetória de pesquisa, pretendíamos, ao escolher como objeto as redes sociais do IVH e seus usos e organizações de memória, que alguns números fossem apresentados para fins estatísticos. Nunca foi nossa intenção, porém, traçar quadros quantitativos de posts ou analisar métricas a partir de dados ou monitoramento dessas redes. Nossos esforços sempre se voltaram para ancorar os usos dos sites de redes sociais pelo Instituto no campo dos estudos de memória, refletindo sobre a utilização de estratégias de comunicação que levam a um projeto de permanência e a uma atualização narrativa do personagem Vladimir Herzog.

Ainda assim, quando realizamos uma visita ao Instituto<sup>67</sup>, solicitamos à equipe que, se possível, nos desse acesso a alguns números e relatórios que mostrassem um panorama quantitativo de sua atuação em espaços de comunicação digital. Antes disso, destacamos que Giuliano Galli, um dos assistentes de comunicação do IVH, já havia nos confirmado, por e-mail, que a equipe realizava a mensuração quantitativa do alcance nas redes sociais

---

<sup>67</sup> Em 1º de novembro de 2017, conhecemos o escritório do Instituto Vladimir Herzog, localizado no bairro de Jardim Paulistano, na cidade de São Paulo. Lá, além de termos sido apresentados às instalações e a alguns membros da equipe do Instituto (eram, àquela época, nove pessoas trabalhando diariamente), realizamos uma entrevista semiestruturada com o jornalista Giuliano Galli. Ainda que tenhamos falado de forma mais genérica sobre o funcionamento e as atividades gerais do IVH, direcionamos a conversa aos usos das redes sociais e do site do Instituto, ou seja, especialmente ao trabalho realizado pela equipe de comunicação. No dia anterior, assistimos à cerimônia do 39º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, realizada no Teatro Tucarena da PUC-SP. Antes disso, enviamos algumas perguntas, em 11 de setembro de 2017, para Carolina Vilaverde, também assistente de comunicação, com quem fizemos o primeiro contato por telefone. No dia 13 de setembro, Giuliano Galli, apresentando-se como responsável pelas postagens do Instituto nas redes sociais, enviou as respostas por e-mail.

mensalmente. “Mas apenas por meio das ferramentas oferecidas por essas redes de forma gratuita. Nunca contratamos nenhum profissional ou nenhum serviço para isso”, revelou.

Durante a conversa, Galli confirmou que foi a campanha dos 40 anos de morte de Herzog, com a criação da *hashtag*, a que melhor conseguiu gerar compartilhamentos e diferentes tipos de engajamentos. Segundo ele, em termos de campanha previamente pensada, #vlado40anos foi “com certeza o grande momento”. As informações que nos foram divulgadas sobre essa *hashtag*, especificamente no Facebook, deram indicativos da importância de seus usos para o Instituto no ano de 2015. Foram 46 publicações feitas pelo IVH utilizando #vlado40anos, alcançando um total de 207.522 pessoas, com uma média de 4.511 pessoas alcançadas por cada publicação. No fim, a campanha #vlado40anos foi responsável por 47,3% do alcance total do IVH nesse site de rede social em todo o ano de 2015, o que significou quase metade do alcance total de usuários.

Fizemos manualmente buscas pelos compartilhamentos da *hashtag* no Instagram e no Twitter. Na primeira rede, foram encontrados, na própria busca do Instagram, 54 posts com #vlado40anos, sendo 27 no perfil oficial do IVH, a grande maioria em outubro. No outro site, encontramos 58 *tweets* que continham a *hashtag*, sendo 14 no Twitter oficial do Instituto Vladimir Herzog. Desses, 13 publicações em outubro – na data da missa ecumênica ou em dias próximos – e apenas uma em novembro.<sup>68</sup>

Os usos de “#vlado40anos” no Facebook, no Instagram e no Twitter podem ser, portanto, um exemplo de como a internet transformou-se em uma espécie de depósito de dados que se caracterizam como memórias, sejam elas individuais e coletivas. Um projeto de memória, uma espécie de mnemoteca, na qual as lembranças da figura morta podem ser guardadas.

Acreditando-se, portanto, na ideia de que a memória é, acima de tudo, um trabalho que envolve processos complexos de construção, lembranças, silenciamentos e apagamentos, não utilizaremos aqui a ideia dos sites de redes sociais como meros “lugares de memória”. Preferimos adotar a noção de que essas ambiências de comunicação digital, com diferentes lógicas de materialidade, são espaços nos quais operam trabalhos e estratégias de memória.

A extraordinária potência mnésica das redes digitais faz destas um lugar importante da memória humana, individual e coletiva. O acontecimento registrado sob a forma

---

<sup>68</sup> O Instituto nos deu acesso a números mais recentemente consolidados, como alguns relatórios de alcances, perfis de usuários e visualizações nas três redes em 2016 e 2017, mas preferimos não ater aqui somente aos quantitativos relacionados à *hashtag* #vlado40anos.

de escrita, imagem e símbolos torna-se repetível, reproduzível, transmissível; pode ser recordado, *re-narrativado*, visto e revisto, donde, também cartografado e, em certa medida, atemporalizado (BABO-LANÇA, 2012, p. 63).

Os sites de redes sociais e, dentro deles, as *hashtags* contribuem na composição de um projeto de permanência, não apenas de Herzog, mas da memória de um tempo. Articula-se um projeto específico para dar significado a um escopo maior, em que o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação e informação possibilitam um arquivo praticamente infinito de dados, imagens, sons.

[...] não podemos discutir memória pessoal, geracional ou pública sem considerar a enorme influência das novas tecnologias de mídia, como veículos para todas as formas de memória. Portanto, não é mais possível, por exemplo, pensar no Holocausto ou em outro trauma histórico como uma questão ética e política séria, sem levar em conta os múltiplos modos em que ela está agora ligado à mercadorização e à espetacularização em filmes, museus, docudramas, sites na Internet, livros de fotografia, histórias em quadrinho [...] (HUYSEN, 2000, p. 21).

Apontamos, assim, a instituição de um projeto de permanência pelas redes sociais – aqui, em particular, a partir dos usos de uma *hashtag*. Tal permanência ou processo de continuidade refere-se ao sujeito, mas pode se estender também a um determinado tempo e a um determinado discurso. “A digitalização do ‘corpo morto’ é mais do que a simples manutenção de laço de interatividade [...]: é uma tentativa, sempre reafirmada ao longo da história, de constituir a imortalidade” (RIBEIRO, 2015, p. 26).

## 5. Considerações finais

Percebemos, portanto, que os sites de redes sociais (e, nos casos exemplificados aqui, a *hashtag* #vlado40anos) promovem gestos comemorativos que assumem uma função política. O acontecimento fundador passa, assim, a ter sua época e contexto permanentemente atualizados, na medida em que é acessado pelos usuários nesses espaços.

Segundo Barbosa (2007, p. 54), as comemorações servem à “construção de uma dada temporalidade, na qual futuro, presente e passado se confundiam em torno da ideia de aceleração”. Para a autora, os usos de marcos comemorativos reatualizam o passado, sendo extremamente importantes na produção midiática hoje marcada, sobretudo, pela lógica do instante, da velocidade do fluxo presente. Nesse contexto, a comemoração é construída como acontecimento que estabelece uma lógica narrativa, na qual o passado é usado concomitantemente com o presente para moldar uma determinada realidade. A retórica midiaticizada, na junção do passado com o presente, estabelece uma articulação entre informação e espetáculo, materializando as narrativas comemorativas. Daí, observamos

também o ciberacontecimento, bastante ligado aos usos das *hashtags* e à efemeridade, marcado por uma propagação de narrativas típica de um acontecimento em rede, com desdobramentos complexos e diversos – dentro e fora das redes sociais.

É nessa perspectiva que as redes sociais digitais se tornam produtoras e guardiãs das comemorações de uma dada materialização da memória. Neste caso, o acontecimento (a morte de Vlado nos porões da ditadura) e suas replicações (as “celebrações” e efemérides ligadas à morte do jornalista) produzem constante atualização narrativa de Herzog, assumindo uma função política e reafirmando, simbolicamente, a herança de uma história.

Com base em algumas coletas da *hashtag* #vlado40anos nas páginas do IVH em três sites, refletimos sobre como as redes sociais e seus agregadores de assunto (*hashtags*) podem assumir a função de espaços de organização e reconstrução de lembranças. O fato de o IVH ter, desde 2009, vias institucionalizadas em relação aos trabalhos de memória e às estratégias de comunicação sobre o jornalista garante um campo extenso para as negociações em torno das memórias oficiais, coletivas, familiares e individuais relacionadas a Herzog. Já a atuação do Instituto em suas páginas oficiais nessas redes dá pistas sobre trabalhos mais organizados e planejados de memória e atualizações narrativas de Herzog, com uma clara intenção de permanência de Vlado, de marcá-lo como figura midiática e política muito além dos domínios do tempo. Um contexto que nos permite perceber que as pessoas mortas vão sendo “recuperadas” por todos os complexos de memória que construímos.

Os 40 anos da morte de Herzog, se não são necessariamente algo a ser celebrado, puderam gerar, ainda assim, um ritual de comemorações que sacralizam o acontecimento de sua morte, constituindo um marco. Nessa perspectiva, essas ambiências digitais se tornam não só produtoras, mas também renovadoras de memórias. Assim, após anos de predominância de memórias subterrâneas e proibidas durante os anos de repressão, as narrativas do episódio emblemático acabaram sendo, décadas depois, subvertidas pela atuação do IVH. O Instituto passou a operar outros tipos de organizações e seleções de memória sobre Vlado, encontrando novos espaços midiáticos para esse tipo de operação.

As ações do órgão, caso ele prossiga com suas atividades sem grandes sobressaltos (o que é incerto na configuração política do país que será formalmente consolidada a partir de 2019), parecem direcionar para essa contínua atualização narrativa da figura de Herzog, indicando a permanência do personagem. Isso estará sempre sujeito a muitas camadas de seleções e organizações de memória, o que também inclui apagamentos e esquecimentos. Como pontua Ricoeur (2007, p. 455), o excesso de memória é sempre acompanhado do

excesso de esquecimento. “Assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo”. Portanto, sabemos que o Instituto jamais será capaz de narrar todos os detalhes sobre Vladimir Herzog, por mais novos espaços e mídias que utilize. Mas, ao conseguir lançar mão de certas estratégias de memória, ancoradas na dimensão do jornalista nos debates políticos do país e em marcos comemorativos que perduram, acreditamos que o IVH pode manter Vlado cada vez mais “vivo”.

Como mencionamos anteriormente, Christa Berger afirmou, em artigo de 2006, que Vlado continuava morrendo, mesmo passados 30 anos de seu assassinato sob tortura. Em 2018, mais de uma década depois dessa publicação, podemos atestar que Herzog continua morrendo, seja nos sites de redes sociais, seja em outras mídias, ampliado pela atuação de um guardião da memória institucionalizado que carrega seu nome. E é exatamente por ainda morrer que Vlado permanece.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. Imprensa e golpe de 1964: entre o silêncio e lembranças de fatias do passado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 7-20, jan/jun 2014.

\_\_\_\_\_. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história? **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 01, pp. 07-26, abr./ jul., 2016.

\_\_\_\_\_. **Percursos do olhar**: comunicação, narrativa e memória. Niterói, EDUFF, 2007.

BABO-LANÇA, Isabel. Acontecimento e memória. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (Orgs.). **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 55-66.

BERGER, Christa. Memória enquadrada: 30 anos se passaram e Vlado segue morrendo. In: **IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. SBPJOR. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

COLOMBO, Fausto. **Arquivos imperfeitos**: memória social e cultura eletrônica. São Paulo, Perspectiva, 1991.

DIAS, André Bonsanto. Herzog re(a)presentado: notas sobre memória, narrativa e 'acontecência'. In: 24º Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), 2015, Brasília-DF. **Anais do 24º Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS)**, 2015.



\_\_\_\_\_; ROXO, Marco. De jornalista a ícone da democracia: os 40 anos da morte de Vladimir Herzog, entre a memória e a história. In: Denize Correa Araujo; Eduardo Victorio Morettin; Vitor Reia-Baptista. (Org.). **Ditaduras Revisitadas: Cartografias, Memórias e Representações Audiovisuais**. UEDed.Faro: CIAC/Universidade do Algarve, 2016, v. 01, p. 403-428.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**. São Paulo: Unesp, 2013.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. **Galáxia**. São Paulo, n. 24, p. 10-21, dez. 2012. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939/9406>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HENN, Ronaldo. Seis categorias para o ciberacontecimento. IN: NAKAGAWA, Regiane; SILVA, Alexandre (Orgs). **Semiótica da Comunicação II**. São Paulo: Intercom, 2015, v. 2, p. 208-227.

HUYSSSEN, Andreas. Mídia e discursos de memória. Entrevista concedida a Sonia Virgínia Moreira e Carlos A. de Carvalho Moreno. In: **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** (vol. 27, nº 1-2004). São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, p. 97-104, 2004.

\_\_\_\_\_. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta Editorial, 1991. Disponível em <[http://kucinski.com.br/pdf/livros\\_jornrevPrint.pdf](http://kucinski.com.br/pdf/livros_jornrevPrint.pdf)>. Acesso em: 10 de janeiro de 2016.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A Internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

\_\_\_\_\_. NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; \_\_\_\_\_. (Orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979, p. 179-193.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-25, 1989.

RECUERO, Raquel. **A Conversação em Rede: Comunicação Mediada pelo Computador**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

\_\_\_\_\_. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

RIBEIRO, Renata Rezende. **A morte midiaticizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida**. Niterói: Eduff, 2015.